

6. Retorno aos projetos iluministas

“Pedi-me que procurasse a primeira folha. Apoiei a mão esquerda sobre a portada e abri com o dedo polegar quase pegado ao indicador. Tudo foi inútil: sempre se interpunham várias folhas entre a portada e a mão. Era como se brotassem do livro.

- Agora procure o final.

Também fracassei; mal consegui balbuciar com uma voz que não era a minha:

- Isso não pode ser.

Sempre em voz baixa, o vendedor de bíblias me disse:

- Não pode ser, mas é. O número de páginas deste livro é exatamente infinito. Nenhuma é a primeira; nenhuma, a última. Não sei por que estão numeradas desse modo arbitrário. Talvez para dar a entender que os termos de uma série infinita admitem qualquer número.” (Jorge Luis Borges, O livro de areia. In: *O livro de areia*, 2001)

Esta tese teve como objetivo principal investigar o desejo utópico de se criar uma língua única de comunicação, desejo este que tem sido ditado pela inabilidade da grande maioria dos homens em lidar com a diversidade linguística. Muitos filósofos e estudiosos vêm se dedicando a essas questões desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade. Dado que tal intervalo de tempo exige um recorte que torne viável uma investigação, decidiu-se iniciar este trabalho a partir do Iluminismo. A este foi dedicado o capítulo 2, que teve como pontos de partida duas produções extremamente relevantes do Século das Luzes: o *projeto enciclopedista* de Diderot e D'Alembert e o texto de Kant (2005/1784a) “Resposta à pergunta: Que é ‘esclarecimento’ (*Aufklärung*)?”, no qual é apresentada sua concepção em relação ao Século das Luzes. Ambos postularam o progresso da humanidade a partir do acesso livre e irrestrito ao saber, o que resultaria em uma sociedade mais livre e igualitária. Para Kant, este progresso significava sair do estágio de menoridade no qual o homem do século XVIII se encontrava e passar para o estágio de maioridade. Em outras palavras, Kant defendia que os homens deveriam se libertar dos grilhões da submissão e da inferioridade, impostos pelos senhores da época. A seu ver, para a real concretização desses projetos iluministas era necessário que o homem chegasse ao esclarecimento. Foi, contudo, possível perceber que tanto o *projeto enciclopedista* quanto o texto de Kant não abarcam a questão da linguagem, assim como não mencionam a questão da diversidade linguística ou da busca de uma língua única de comunicação. Diante dessa constatação intrigante, revelou-

se a importância de dar continuidade a este estudo e tentar encontrar contemporâneos de Kant que abordassem a questão da linguagem e a vinculassem ao esclarecimento humano.

Os dois filósofos selecionados foram Condorcet (1793/1793) e Condillac (1793/1780, 1793/1798). Assim como Kant, ambos discutem a questão da busca do esclarecimento humano; a diferença é que tanto um quanto o outro relacionam este esclarecimento à linguagem. Condorcet enfatiza que o processo de esclarecimento humano está diretamente ligado à circulação dos escritos, alavancada pela criação da imprensa. De acordo com ele, o século XVIII foi o século da escrita e, para que a igualdade de instrução se concretizasse, seria necessário haver também uma revolução linguística, ou seja, a criação e instituição de uma língua única, universal e artificial. Esta língua seria responsável pela expansão da comunicação entre os homens e pela disseminação dos saberes. O problema é que Condorcet não desenvolve ou oferece detalhes a respeito desta língua universal.

Ainda no capítulo 2, seguindo o mesmo caminho de Condorcet, Condillac atesta que, para se chegar ao raciocínio autônomo, não deve haver diversidade linguística, pois esta confunde os falantes. Como solução, ele propõe a análise das línguas até a chegada à língua originária. Desta forma, seria possível criar artificialmente uma língua perfeita, única e universal, que deveria se espelhar na linguagem dos cálculos, isto é, ser precisa e pura. Desta forma, os homens poderiam raciocinar e falar bem e, conseqüentemente, chegar ao esclarecimento tão almejado no Iluminismo. Condillac também não desenvolve seu projeto, e a busca de uma língua universal prossegue. Outros projetos mais estruturados, mas sem sucesso, surgiram ainda no século XVIII, como o *Projet d'une langue universelle* de Jean Delormel (1795), o *Polygraphie* de Zalkind Hourwitz (1800) e o *Pasigraphie* de Joseph De Maimieux (1797).

A procura por uma língua universal criada artificialmente e ligada aos ideais do Iluminismo adentrou o século XIX e a primeira metade do século XX. Estes projetos tinham como finalidade criar uma língua internacional auxiliar (LIA), com uma gramática simples e objetiva, associada a um vocabulário vasto. Como exemplos no capítulo 2 foram citados o Volapuque, o Esperanto e o *Latino sine flexione*. Neste mesmo capítulo, constatou-se que nenhum projeto de língua universal teve sucesso por motivos similares. Com base em Marcondes (1989), foi possível perceber que se tratavam de projetos utópicos, pois tentavam juntar em uma única língua o conhecimento e a comunicação, funções incompatíveis, como foi possível observar no início desta tese. A justificativa para os fracassos

foi complementada pelas visões de Santo Agostinho (1956/389) e de Locke (2005/1690), que também reforçam as diferenças e incompatibilidade entre as línguas da comunicação e do conhecimento.

Motivada pela ausência de pesquisas a respeito da busca por uma língua única a partir da segunda metade do século XX, deu-se continuidade à investigação histórica desta tese. Foi possível observar, no capítulo 3, que, apesar dos fracassos dos projetos descritos no capítulo 2, a crença de que seria possível criar e adotar uma língua única de comunicação entre todos os homens de qualquer parte do mundo não cessou. As obras dos linguistas Crystal (2006, 2005, 2003), Seidlhofer (2005, 2004, 2003, 2002, 2001) e Rajagopalan (2005, 2004a, 2004b), auxiliaram na conclusão de que, a partir da segunda metade do século XX, as discussões a respeito da criação de uma língua única e artificial deram lugar à ideia de que a língua inglesa poderia desempenhar o papel de língua única de comunicação. Os projetos *World Standard Spoken English* de Crystal, codificação do *English as a Lingua Franca* de Seidlhofer e *World English* de Rajagopalan, descritos no capítulo 3, mostraram que esses linguistas estão, de forma implícita, sugerindo projetos de língua única de comunicação com base na língua inglesa. Apesar de esses projetos terem como princípio uma língua natural, foram considerados nesta investigação projetos que visam à criação e utilização de uma língua única e artificial. Isto porque as línguas propostas pelos projetos sugerem a simplificação do inglês, com regras fechadas, vocabulário restrito e invariável, independentemente do grupo de falantes e do local de origem destes.

Os três projetos de língua única de comunicação apresentados no capítulo 3 não são desenvolvidos em detalhes, mas indicam que possivelmente Crystal, Seidlhofer e Rajagopalan não estão levando em consideração o fato de que as línguas são dinâmicas, flexíveis e sofrem alterações constantes, de acordo com seus usuários (origem, classe social, faixa etária), local e época. Sendo assim, chegou-se a conclusão que as tentativas de se criar uma língua única de comunicação fundamentada na língua inglesa estariam fadadas ao fracasso, não exatamente por tentarem unir conhecimento e comunicação, como os projetos do capítulo 2, mas por tentarem criar uma língua que seria idealisticamente utilizada por usuários de qualquer parte do mundo da mesma forma. Como foi possível observar no capítulo 3, este fato parece inviável ao se observar as línguas em uso. Percebeu-se ainda, no mesmo capítulo, que o papel do inglês como língua de comunicação na contemporaneidade é inegável; no entanto, tentar simplificá-lo e estipular regras fechadas para que este seja utilizado

exatamente da mesma forma em qualquer parte do mundo, por qualquer falante, não parece ser a atitude mais adequada como possível alternativa para a diversidade linguística no mundo.

No capítulo 4, buscou-se observar se a tendência de simplificar e padronizar a língua inglesa e fazer desta a língua única de comunicação no mundo continuou após o advento da Internet. A partir do surgimento desta rede mundial de computadores, a necessidade de comunicação entre as pessoas de várias partes do mundo cresceu vertiginosamente. No entanto, com o auxílio das discussões de Crystal (2008, 2006, 2005, 2003), Danet & Herring (2007), Paolillo (2007), Di Luccio (2005, 2003), Wright (2004), Nunberg (2002), Nicolaci-da-Costa (2005, 1998), Alfaro & Dias (1998) e Santos (1999a, 1999b) foi possível afirmar que as inúmeras possibilidades de comunicação oferecidas pela Rede fizeram com que qualquer discussão a respeito da língua inglesa desempenhando o papel de língua dominante de comunicação on-line perdesse o sentido. O rápido avanço dos sistemas de programação, o movimento de globalização e o surgimento de ferramentas de comunicação como o e-mail, as salas de bate-papo, os *blogs*, o *Orkut*, o *MSN Messenger*, o *Facebook*, o *Twitter*, o *Skype*, dentre outras, contribuíram e continuam contribuindo para a ampliação e confirmação do caráter cada vez mais multilíngue da Web. Constatou-se que estas ferramentas de comunicação contribuíram para que a língua inglesa perdesse sua soberania on-line. Além destes fatores, destacou-se o papel desempenhado pelas ferramentas de tradução automática durante a comunicação on-line. Tais ferramentas reforçam o caráter multilíngue da Rede e dão aos usuários a possibilidade de escolher a língua utilizada durante a comunicação mediada pelo computador (CMC), fazendo com que nem sempre o inglês seja a primeira e única opção.

Não se procurou, nesta investigação, negar o papel relevante do inglês como língua auxiliar de comunicação, tanto off-line quanto on-line. O capítulo 4, no entanto, tentou mostrar que qualquer discussão concernente ao papel desempenhado pela língua inglesa na Rede parece secundária diante das inúmeras possibilidades de comunicação oferecidas pela Internet na atualidade. Acontece que, apesar de os autores citados no capítulo 4 não sugerirem projetos de uma língua inglesa única on-line, alguns deles, a exemplo de Crystal, Nunberg, Wright e Paolillo, ainda têm como foco de suas discussões o uso do inglês como língua franca da Rede, na maioria das vezes, deixando em segundo plano o caráter cada vez mais multilíngue desta.

Visando realizar uma investigação mais detalhada das inúmeras possibilidades de comunicação existentes na Rede, o capítulo 5 teve como objetivo principal fazer uma comparação entre os três momentos da Rede conhecidos como Web 1.0, Web 2.0 e Web 3.0 (ou Web Semântica) e a CMC nesses três momentos.

No que diz respeito ao primeiro momento da Rede (Web 1.0) as discussões de Nicolaci-da-Costa (2009, 2006, 2002, 1998) mostraram que este foi um período extremamente importante e revolucionário que alterou as formas de os homens viverem, sentirem, se relacionarem com o mundo, com os outros e consigo mesmos. A partir da Revolução Digital os homens tiveram a chance de conhecer e interagir com qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo, além de poder viajar a qualquer lugar com o auxílio de apenas alguns cliques. A Web 1.0 foi a Web da interação e das publicações eletrônicas feitas por alguns especialistas em tecnologia para muitos usuários. Sem dúvida, havia sido criada uma nova plataforma de vida com a Web. Foi possível constatar também que, nesta fase, predominava o inglês, considerado a língua mãe da Rede.

Observou-se, também no capítulo 5, que a Web se tornou ainda mais revolucionária e transformadora na sua segunda fase: aquela à qual muitos se referem como Web 2.0 ou Web colaborativa e social. Nesta, os próprios usuários participam ativamente da produção e disseminação de conteúdo, podendo editar textos, vídeos e arquivos de áudio sem intermediários. A Web 2.0 é a Web dos *blogs*, das *wikis*, das redes sociais, dos sites de compartilhamento, ou seja, é a Web democrática, interativa, multilíngue da geração coletiva e colaborativa de conteúdo. Na sequência, percebeu-se que o que parecia tão perfeito poderia ficar ainda melhor.

Berners-Lee (2001), em seu texto *The Semantic Web* ("A Web Semântica") apresenta a terceira geração da Rede, a Web 3.0 ou Web Semântica. Esta é também conhecida como a Web dos significados. Sua proposta principal é a de estabelecer conexões entre as informações que estão on-line, o que parece ser o maior desafio da Internet no momento atual. Este desafio tem como objetivo principal fazer com que os computadores entendam os significados que estão por trás de cada página, isto é, de cada documento armazenado na Rede. Desta forma, a Web dos documentos (Web 2.0) daria lugar à Web dos significados, baseando-se no armazenamento, integração, combinação, interpretação e interação das informações contidas em diferentes partes da Rede. Para a concretização da Web 3.0, linguagens de programação como XLM, RDF e OWL são necessárias.

Destacou-se também, neste capítulo, que a linguagem OWL, ou seja, a linguagem das ontologias na Rede, ainda precisa percorrer um longo caminho, como foi possível perceber com auxílio das discussões de Wittgenstein (2004/1958), Faustino (1995), Marcondes (2000) e Coutinho (1985). O desejo de se criar ontologias universais na Rede parece ser o maior desafio da Web Semântica, pois, como discutido no capítulo 5, seria necessário considerar a linguagem fora de seu contexto social, e esta não parece ser a forma mais adequada de contemplar a linguagem humana.

Apesar das dificuldades relacionadas à criação de ontologias na Rede, foi possível observar, ainda no decorrer do capítulo 5, que as linguagens de marcação descritas, HTML, XML, RDF e OWL e a Web Semântica nos remetem aos projetos iluministas do capítulo 2. Os inúmeros projetos objetivando a criação de uma língua única nos séculos XVIII, XIX e início do século XX parecem ter se esgotado e não fazem mais sentido diante de todas as possibilidades de comunicação oferecidas pela Rede. As tentativas de fazer da língua inglesa a língua única de comunicação do mundo off-line e on-line também não tiveram sucesso. Certamente esta continua sendo a língua auxiliar de comunicação dentro e fora da Web, mas não a única e certamente com variações, de acordo com a comunidade de falantes e os locais onde é utilizada.

Os avanços tecnológicos e o surgimento das linguagens de marcação, que são as mesmas em qualquer parte do mundo, nos levam a crer que estas podem ser consideradas linguagens realmente universais. Esta constatação se justifica por essas linguagens serem utilizadas somente na programação dos sistemas da Internet. O sucesso das linguagens de marcação universais da Web se deve ao fato de estas não serem utilizadas durante a comunicação entre os homens, podendo assim se manter padronizadas, controladas e invariáveis. Por sua vez, estas linguagens auxiliam no desenvolvimento dos sistemas, fazendo com que estes se aprimorem cada vez mais e se tornem acessíveis a mais e mais pessoas de locais, culturas e línguas diversas.

Observou-se que a terceira geração da Web tem como objetivo o armazenamento e compartilhamento de praticamente todo o conhecimento existente no mundo. Como o Livro de Areia de Borges (2001/1975), com o número de páginas infinito, no qual nenhuma é a primeira e nenhuma é a última. Nesse contexto, é possível afirmar que a Web 3.0, de forma bem mais audaciosa, nos leva de volta ao projeto enciclopedista de Diderot mencionado no capítulo 2. Neste projeto, a totalidade dos saberes existente no Iluminismo poderia ser disponibilizada em 24 volumes. A análise dos recursos acessíveis

aos usuários desde o surgimento da Internet nos possibilita afirmar que a Web representa a *Enciclopédia* de Diderot, sendo que seu grande diferencial é não ter um número determinado de volumes, mas ser infinita e irrestrita. A Web permite o armazenamento, o acesso, o compartilhamento e a integração do conhecimento com liberdade, independentemente da língua falada. Foi possível concluir que os ideais de Kant e dos Iluministas – a saída da obscuridade e chegada ao estágio de “maioridade” humana através da liberdade e do esclarecimento – parece estar se encaminhando de certa forma para a concretização a partir da Web 3.0. É importante lembrar que as informações contidas na *Enciclopédia* e nos projetos iluministas não eram normalmente questionadas, pois eram produzidas pelos grandes pensadores do século XVIII. Desta forma, os leitores que tinham acesso às obras da época tinham praticamente certeza de que estas haviam passado por um controle de qualidade antes de serem publicadas. Por outro lado, toda a liberdade e possibilidades oferecidas aos usuários na Web nos dias de hoje os levam a questionar e filtrar as informações encontradas on-line. Desta forma, encontrar algo produzido por grandes especialistas pode levar tempo ou até não ocorrer, caso o usuário seja derrotado pelos inúmeros *links* oferecidos pelos sites de busca. Tais *links*, em alguns casos, deixam os usuários frustrados durante as buscas ou inseguros com relação às fontes, nem sempre divulgadas ou conhecidas.

Parece incontestável o fato de que a geração Web 3.0 e os projetos iluministas possuem similaridades. Se o estágio de “maioridade” humana será realmente atingido, ainda não se sabe. Até lá, é necessário trabalhar intensamente no aprimoramento das ferramentas de tradução automática e de busca, acesso ao conteúdo, criação de ontologias, e, principalmente, fazer com que o acesso à Rede e sua infinidade de conteúdo seja realmente irrestrita.